

DOIS POEMAS DE SYLVIA PLATH

Grande parte do interesse em discutir a obra de Sylvia Plath (1932-1963) está inegavelmente ligado ao seu suicídio. Na verdade, tem-se escrito mais sobre os motivos que a teriam levado a uma decisão absolutamente radical do que propriamente sobre a sua poética e é espantoso constatar que revistas conceituadas possam dedicar, páginas e páginas, a acontecimentos sem dúvida, relevantes do ponto de vista psíquico, social e histórico da vida pessoal da escritora americana. Se assim procedem é evidente que estão cientes dos traços antropofágicos dos leitores e não me admiraria em saber que a *Correspondência* (1975) e os *Diários* (1982) tenham alcançado vendagens superiores à sua poesia. É possível analisar a obra independente de um conhecimento mínimo da vida pessoal do artista, da sua época, enfim do mundo em que viveu? Não só acho possível como, em muitos casos, até aconselhável. Parece-me que o crítico e o leitor sensível têm um campo mais vasto e através da imaginação podem chegar a percepções que o conhecimento prévio de fatos de cunho pessoal poderia ter bloqueado.

Há, a meu ver, uma forte tendência, por parte da crítica em geral, de analisar a obra de Plath como resultado de uma mente atormentada que teria encontrado uma forma de liberar seus demônios através da poesia confessional. É evidente que as experiências da autora servem de ponto de partida para construir imagens raras, mas de caráter predominante literário. Os poemas existem por si, não requerem conhecimento de fatos, lugares e estados de humor da autora. Pensar que a vida e a obra do artista são inseparáveis reflete meramente a preferência da crítica por análise de teor biográfico, tão mais lucrativo do ponto de vista editorial.

Confesso que antes de ter lido qualquer poema de Sylvia Plath integralmente, sabia, através de suplementos literários de jornais ingleses e americanos, que a escritora havia nascido em Massachusetts, passado a infância à beira-mar, perdido o pai imigrante alemão, professor de entomologia aos oito anos, publicado os primeiros poemas muito nova ainda, estudado no Smith College, ido para a Universidade de Cambridge com uma bolsa de estudos da Fulbright e casado com o poeta inglês Ted Hughes, com quem teve dois filhos.

O primeiro livro de Plath que me chegou às mãos foi *Crossing the Waters* (1971) e decidi traduzir alguns dos poemas pelo gosto do exercício. Logo constatei que o prazer estético tinha uma razão forte: em português Sylvia Plath soa bem e há até vários momentos, em que o resultado da transferência de uma língua para a outra é, em

termos poéticos, tão bom quanto o original. Afinal, o intransponível pode ocorrer em qualquer tipo de escritura ou fala e não creio que a poesia seja, por natureza, um gênero de linguagem intocável, interdito. Entre tantas traduções, lembremo-nos de Fernando Pessoa ao trazer Edgard Allan Poe para a língua portuguesa. O *Corvo* e *Annabel Lee* são exemplos perfeitos de poemas que na nossa língua preservam toda a força dramática sem deixar de manter a tão decantada fidelidade à língua fonte.

Edite Faial

FINISTERRE

This was the land's end: the last fingers, knuckled and rheumatic,
Cramped on nothing. Black
Admonitory cliffs, and the sea exploding
With no bottom, or anything on the other side of it,
Whitened by the faces of the drowned.
Now it is only gloomy, a dump of rocks
Leftover soldiers from old, messy wars.
The sea cannons into their ear, but they don't budge.
Other rocks hide their grudges under the water.

The cliffs are edged with trefoils, stars and bells
Such as fingers might embroider, close to death,
Almost too small for the mists to bother with.
The mists are part of the ancient paraphernalia
Souls, rolled in the doom-noise of the sea.
They bruise the rocks out of existence, then resurrect them.
They go up without hope, like sighs.
I walk among them, and they stuff my mouth with cotton.
When they free me, I am beaded with tears.

Our Lady of the Shipwrecked is striding toward the horizon,
Her marble skirts blown back in two pink wings.
A marble sailor kneels at her foot distractedly, and at his foot
A peasant woman in black
Is praying to the monument of the sailor praying.
Our Lady of the Shipwrecked is three times life size,
Her lips sweet with divinity.
She does not hear what the sailor or the peasant is saying
She is in love with the beautiful formlessness of the sea.

Gull-coloured laces flap in the sea drafts
Beside the postcards stalls.
The peasants anchor them with conches. One is told:
'These are the pretty trinkets the sea hides,
Little shells made up into necklaces and toy ladies.
They do not come from the Bay of the Dead down there,
But from another place, tropical and blue,
We have never been to.
These are our crêpes. Eat them before the blow cold.'

FINISTERRA

Aqui era o fim da terra: os últimos dedos, nodosos e reumáticos,
Enganchados a nada. Negros
Admonitórios penhascos, e o mar explodindo
Sem fundo ou qualquer coisa do outro lado,
Alvejado pelas faces dos afogados.
Agora tudo é triste, um montão de rochas —
Sobras de soldados de velhas, confusas guerras.
O mar canhoneia nos seus ouvidos, mas eles não se movem.
Outras rochas escondem seus rancores debaixo d'água.

Os penhascos são orlados com trifólios, estrelas e sinos
Que dedos, perto da morte, podem ter bordado,
Muito pequenos para perturbar os nevoeiros.
Os nevoeiros são parte da antiga parafernália —
Almas, enroladas no barulho-perdição do mar.
Esmurram as rochas até à morte, depois ressuscitam-nas.
Sobem sem esperança, como suspiros.
Ando entre eles, e eles enchem-me a boca de algodão.
Quando me libertam, estou em lágrimas.

A nossa Senhora dos Afogados avança na direção do horizonte,
Saias de mármore para trás como duas asas cor de rosa.
Um marinheiro de mármore ajoelha-se distraído a seus pés, e aos
pés dele
Uma camponesa de preto
Reza ao monumento do marinheiro em prece.
A Nossa Senhora dos Afogados, três vezes o tamanho natural,
De lábios divinamente doces.
Não ouve o que o marinheiro ou a camponesa dizem —
Está enamorada da beleza sem forma do mar.

Fitas coloridas com gaivotas movem-se à brisa do mar,
Ao lado das bancas de cartões-postais.
Os camponeses ancoram-nas com búzios. Uma diz:
“Estes são os bonitos adornos que o mar esconde,
Pequenas conchas transformadas em colares e bonecas.
Não vêm da Baía dos Mortos lá embaixo,
Mas doutro lugar, tropical e azul,
Onde nunca estivemos.
São os nossos crêpes. Coma-os antes que esfriem.”

WUTHERING HEIGHTS

The horizons ring me like faggots,
Tilted and disparate, and always unstable.
Touched by a match, they might warm me,
And their fine lines singe
The air to orange
Before the distances they pin evaporate,
Weighting the pale sky with a solider colour.
But they only dissolve and dissolve
Like a series of promises, as I step forward.

There is no life higher than the grasstops
Or the hearts of sheep, and the wind
Pours by like destiny, bending
Everything in one direction.
I can feel it trying
To funnel my heat away.
If I pay the roots of the heather
Too close attention, they will invite me
To whiten my bones among them.

The sheep know where they are,
Browsing in their dirty wool-clouds,
Grey as the weather.
The black slots of their pupils take me in.
It is like being mailed into space,
A thin, silly message.
They stand about in grandmotherly disguise,
All wig curls and yellow teeth
And hard, marbly baas.

I come to wheel ruts, and water
Limpid as the solitudes
That flee through my fingers.
Hollow doorsteps go from grass to grass;
Lintel and sill have unhinged themselves.
Of people the air only
Remembers a few odd syllables.
It rehearses them moaningly:
Black stone, black stone.

WUTHERING HEIGHTS

Os horizontes cercam-me como feixes de lenha,
Pendentes e díspares e sempre instáveis.
Tocados por um fósforo, talvez me aquecessem,
E suas linhas delicadas chamuscam
O ar até o laranja
Antes que as distâncias que imobilizam evaporem,
Carregando o céu pálido de uma cor mais sólida.
Mas eles somente se dissolvem, dissolvem
Como uma série de promessas, quando dou um passo à frente.

A vida é mais alta nas pontas da erva
Ou nos corações das ovelhas, e o vento
Passa como o destino, curvando
Tudo numa direção.
Sinto-o tentando
Sugar meu calor para longe.
Se eu dedicar às raízes da charneca
Atenção demais, convidam-me
A alvejar meus ossos entre elas.

As ovelhas sabem onde estão,
Pastando vestidas de sujas nuvens de lã,
Cinzentas como o tempo.
As fendas negras das suas pupilas levam-me.
É como ser enviada para o espaço,
Uma magra, tola mensagem.
Ficam ao redor disfarçadas de avós,
De perucas encaracoladas e dentes amarelos
E duros, marmóreos méés.

Chego às trilhas, e à água
Límpida como as solidões
Que escapam por entre os meus dedos.
Ocos patamares vão de erva a erva;
Padiieira e soleira desatarracharam-se.
De gente o ar somente
Lembra umas poucas bizarras sílabas.
Ensaí-as gemendo:
Pedra negra, pedra negra.

The sky leans on me, me, the one upright
Among all horizontals.
The grass is beating its head distractedly.
It is too delicate
For a life in such company;
Darkness terrifies it.
Now, in valleys narrow
And black as purses, the house lights
Gleam like small change.

O céu debruça-se sobre mim, mim, o único ser ereto
Entre todos os horizontais.
A erva bate as pontas distraída.
É delicada demais
Para a vida em tal companhia;
A escuridão amedronta-a.
Agora, nos vales estreitos
E negros como porta-moedas, as luzes das casas
Brilham como troco miúdo.

Tradução de Edite Faial

EDITE FAIAL é professora de Língua Inglesa e Tradução. Lecionou na UnB e foi Diretora da Cultura Inglesa no Rio de Janeiro e em Brasília.